

**TRAJETÓRIA E DESAFIOS DA TEORIA MARXISTA DA DEPENDÊNCIA:  
CONTRIBUIÇÕES E PROPOSTAS**

**TRAYECTORIA Y DESAFÍOS DE LA TEORÍA MARXISTA DE LA DEPENDENCIA:  
APORTES Y PROPUESTAS**

**TRAJECTORY AND CHALLENGES OF MARXIST DEPENDENCY THEORY:  
CONTRIBUTIONS AND PROPOSALS**

DOI: <http://doi.org/10.9771/gmed.v14i1.48963>

Rodrigo Emmanuel Santana Borges<sup>1</sup>

**Resumo:** O escrito faz recorte sobre a trajetória contemporânea da teoria marxista da dependência (TMD), mostrando sua crescente presença, vigor e desafios para consolidação de saltos já ensaiados em diversas direções por vários autores. Evidencia o crescente debate internacional sobre TMD e seus fundamentos, para comentar sobre avanços e desafios abertos em diversas dimensões: a geopolítica do imperialismo, capital fictício e financeirização, padrões de reprodução do capital, Estado, gênero e raça, e crítica aos desenvolvimentismos. Finaliza indicando iniciativas que buscam, no campo intelectual, aglutinar esforços para avançar nas tarefas expostas.

**Palavras-chave:** Teoria Marxista da Dependência. Padrão de reprodução. Financeirização. Desenvolvimentismo.

**Resumen:** El escrito hace un recorte sobre la trayectoria contemporánea de la teoría marxista de la dependencia (TMD), mostrando su creciente presencia, vigor y desafíos para la consolidación de saltos ya ensayados en distintas direcciones por varios autores. Destaca el creciente debate internacional sobre TMD y sus fundamentos, para comentar avances y desafíos abiertos en varias dimensiones: la geopolítica del imperialismo, el capital ficticio y la financiarización, los patrones de reproducción del capital, el Estado, el género y la raza, y la crítica al desarrollismo. Concluye indicando iniciativas que buscan, en el campo intelectual, aunar esfuerzos para avanzar en las tareas expuestas.

**Palabras clave:** Teoría Marxista de la Dependencia. Patrón de reproducción. Financiarización. Desarrollismo.

**Abstract:** The writing presents a view on the contemporary trajectory of the Marxist theory of dependence, showing its growing presence, vigor, and challenges for the consolidation of leaps already rehearsed in different directions by several authors. It highlights the growing international debate on TMD and its foundations, to comment on advances and open challenges in several dimensions: the geopolitics of imperialism, fictitious capital and financialization, patterns of capital reproduction, State, gender and race, and criticism of developmentalism. It concludes by indicating initiatives that seek, in the intellectual field, to unite efforts to advance in the exposed tasks.

**Keywords:** Marxist dependency theory. Reproduction pattern. Financialization. Developmentalism.

A intelectualidade-militante coletiva da teoria marxista da dependência (TMD) brilha como nunca em décadas. Passado o conturbado período de derrotas, reverses e desarticulação de coletivos, no bojo de uma das maiores crises de *Nuestra America* (OSORIO, 1984), o aprofundamento da dependência no neoliberalismo e o desdobramento de neodesenvolvimentismos na região combinou-se ao esforço analítico

de fundadores e novas gerações de dependentistas marxistas numa recuperação crítica da TMD (BEIGEL, 2006).

Assim, assistimos ao reimpulso do interesse na temática dependentista quando da extensão do que Castelo (2013, p. 243 *et seq.*) acertadamente nomeia de *crise conjuntural do bloco histórico neoliberal* seguida de uma resposta social-liberal, em virtude da sobreposição de compressão salarial, ampliação dos exércitos de reserva (desemprego) e crises de acumulação e financeiras, ao longo e em fins da década de 1990.

A ascensão dos chamados “governos progressistas” após intenso ciclo de mobilização e protestos sociais, associado em grande parte da região (a maior exceção, além de Cuba, representada pela trajetória da Venezuela, além de outras menos marcadas como as de Bolívia e Equador) ao transformismo de organismos de representação e lideranças populares (CASTELO, 2012, p. 614) foi acompanhada de políticas de conciliação de classe. Não só sem rupturas com o grande e médio capital, mas ao contrário, com atuação em reforço de capitais agro-mineiros-maquilo-exportadores, em oportunismo de curto prazo de um ciclo de *commodities* em expansão nos anos 2000. Desdobraram-se políticas de emprego, salário e renda que alcançaram frações mais vulneráveis da classe trabalhadora, rapidamente postas em xeque com o avançar da crise mundial desatada em 2008-2009. As limitações e retrocessos tanto do ponto de vista estrutural quanto da melhoria de vida da classe trabalhadora acicatearam os estudos críticos a esses desenvolvimentismos, reforçando o impulso a análises nos marcos da teoria marxista da dependência.

Atualmente, pode-se afirmar que tal recuperação foi ampla e com grande alcance. Multiplicou-se o debate nas searas acadêmicas e político-partidárias (PRADO, 2019) tanto no Brasil, onde o debate havia sido especialmente bloqueado (PRADO, 2013), como em outros países da América Latina e regiões do mundo (cf. por exemplo BOND, 2014; SMITH, 2016).

Frente ao avançado dessa retomada, e diante do objetivo de refletir sobre a pertinência da TMD e os desafios para a sua expansão para além de uma recuperação crítica inicial, estruturamos o texto da seguinte forma.

Primeiramente, ilustra-se o vigor internacional que vem adquirindo a reflexão dependentista, em geral, e da TMD, em particular, quanto à participação de autores de diversas nacionalidades, em variadas formas e foros, concentrando-nos nos fundamentos da dependência: nomeadamente, superexploração e troca desigual.

Na sequência, refletimos sobre peças ou dimensões fundamentais, do ponto de vista da compreensão categorial e da atualidade, evidenciando alguns avanços recentes e desafios em aberto para que a expansão possa ser feita sob bases solidamente articuladas.

Por fim, encerramos o escrito com indicação de algumas iniciativas que permeiam o âmbito intelectual-acadêmico impulsionadores de avanços ulteriores para compreensão e capacidade propositiva desse arcabouço teórico para estratégias e táticas de ação na luta revolucionária pela superação das mazelas imanentes à condição dependente.

### ***Vigor para além das fronteiras nacionais***

Em estudo recente sobre o renovado debate em torno à categoria de superexploração (BORGES et al., 2020), apontou-se, em destaque, a polêmica então em curso entre Jaime Osorio e Claudio Katz (OSORIO, 2018), bem como a atividade de grupo de trabalho sobre imperialismo e TMD no seio da Iniciativa Internacional de Promoção à Economia Política (IIPPE, na sigla em inglês), e autores ligados à *Monthly Review*, como John Bellamy Foster, John Smith e Andrew Higginbottom.

Recentemente, dando mais evidência internacional aos debates dependentistas e em busca de influenciar o debate, podemos mencionar: sobre África e subimperialismo, trabalhos de Patrick Bond e Ana Garcia (2015) e o livro *Africa and the global system of capital accumulation* (ORITSEJAFOR; COOPER, 2021); o livro com entrevistas organizado por Ingrid Kvangraven e outros (KUFAKURINANI et al., 2017), vinculado a grupo de estudos sobre desenvolvimento de *think tank* financiado por George Soros (INET, 2019); a atualização e tradução para o inglês da obra do professor Carlos Eduardo Martins (2020); a organização de livro (com apenas um capítulo de inspiração marxista) por Madariaga e Palestini (2021); o livro editado na Colômbia *La cuestión del Estado en el pensamiento social crítico latino-americano* (ARIAS; GRANATO, 2021), com vários capítulos sobre Estado e dependência, e da edição especial, em dois volumes, sobre dependência da revista *Latin American Perspectives*, organizada por Ronald Chilcote e Joana Salém Vasconcellos, publicada em janeiro e março de 2022.

Em suma, a dependência como objeto de estudo e perspectiva analítica, e em particular a teoria marxista da dependência, não só foram retomadas, como crescentemente vêm sendo utilizadas em vários estudos além do Brasil, onde poderíamos localizar a maior força inicial nessa recuperação crítica nos anos 1990 e 2000.

Vejamos, a seguir, como o debate internacional marxista sobre a dependência interroga também pontos fundamentais da superexploração e troca desigual, bem como abordagens concretas.

### ***Renovação internacional no abstrato e no concreto***

A gestação da teoria marxista da dependência surgiu de um grande esforço intelectual que combinou teoria e estudo concreto da realidade latino-americana. É o que transcende, por exemplo, quando Bambirra aborda a realidade da América Latina (BAMBIRRA, 2013; MARINI et al., 1971), Dos Santos (2020) compila e analisa em detalhe muito aguda informação disponível sobre o capital estrangeiro e sua presença e dominação em diversos setores, por exemplo, ou Marini ao estudar a crise da industrialização no Chile, o governo Allende (MARINI, 2019) e seu padrão de reprodução (MARINI, 1982), ou, ainda, Caputo e Pizzaro (1974), ao analisarem dependência, imperialismo e relações internacionais.

Marcantemente, surgiram nos últimos anos trabalhos que não renunciam a se aprofundar em aspectos concretos, como Osorio e Martins (ibid) em relação a América Latina (2015, 2016), Smith (2016) e Higginbottom (2009), que colocam a superexploração no centro da teoria do imperialismo, ao refletir sobre o capitalismo contemporâneo.

Martins (2020, 2022) é ousado ao propor a construção de uma teoria marxista do sistema mundo, articulando elementos de distinta índole para concluir que (em sua interpretação) pela combinação de distintos processos cíclicos, estaria aberto um período de agudas contradições nesta e nas próximas décadas. De forma também polêmica, desdobra o argumento esboçado por Marini, na década de 1990, sobre a extensão da superexploração para as economias centrais (cf. BORGES et al., 2020, com nossa posição sobre esse debate).

Com fôlegos distintos e posições antagônicas a distintas versões do conceito de superexploração, Franklin (2015, 2019) e Katz (2019) também fazem análises para além da América Latina, no primeiro caso englobando todo o mercado mundial. Ambos marcados por enfoques concretos, sujeitos a grandes limitações próprias de trajetórias praticamente individuais em suas linhas.

Justamente quanto à troca desigual no comércio, e em outras transferências de mais-valia que Luce (2018) denominou de “transferências de valor como troca desigual”, várias iniciativas têm procurado avançar em seu dimensionamento concreto e relevância. É o caso de trabalho recente de Breda (2020), que põe em evidência as principais formas de transferência de valor que sofre o Brasil nas últimas décadas, e, também, notadamente, de iniciativa que impulsionamos do Painel e Banco de Dados Mundial de Valores Trabalho (FRANKLIN et al., 2022). As aproximações ou estimativas em tempo de trabalho (disponíveis abertamente em <https://panel.worldlabourvalues.org>) de várias magnitudes incluem a taxa de exploração e a troca desigual por comércio internacional para várias formações sociais a partir de 1995 (BORGES; FRANKLIN, 2020), incluídas formações dependentes como Brasil, México e Indonésia.

Os desdobramentos apontam na abertura ou complementação sobre dimensões mais específicas. Relacionamos a seguir, segundo dimensões/categorias importantes, novos avanços.

### ***Peças essenciais para compreensão – novos contornos***

Selecionamos as seguintes dimensões por sua importância no bojo de um arcabouço integral da TMD: geopolítica imperialista, capital fictício e financeirização, padrão de reprodução do capital, Estado e direito dependentes, gênero e raça e críticas aos desenvolvimentistas.

### ***Interpretações sobre o imperialismo contemporâneo articulado à dependência***

Já comentamos sobre os trabalhos de Smith, Higginbottom e Martins, que lançam luz sobre o imperialismo contemporâneo. Smith destaca como as transações monetárias escondem a troca desigual que as cadeias globais de valor acarretam (e que a combinação com as informações sobre as jornadas de trabalho permite elucidar, cf. FRANKLIN et al, 2022). Smith (2016) e Higginbottom (2009), além disso, colocam a superexploração como fundamento para uma teoria do imperialismo marxista. A partir de outra perspectiva, Franklin (2015) o sugere quando aborda a troca desigual e reflete que a apropriação de tempo de trabalho nas formações imperialistas, verdadeiros sifões de valor, é muito maior em termos absolutos e relativos que a cessão, em geral, de cada região dependente.

Martins interpreta que o mundo assiste à etapa de declínio do “ciclo sistêmico” hegemônico pelos Estados Unidos (termo que adota de Arrighi), em combinação com o fim da fase A (ascendente) de um ciclo de Kondratiev que interpreta ter começado em 1994. Neste último ponto, a argumentação é realmente interessante, ainda que em certa dissonância com outras interpretações como a que Shaikh (2016) apresenta, mas ambas se pautam no pensamento de Kondratiev, de que as ondas longas de preço correspondem a ritmos de acumulação e concentrações de crises distintos.

Marisa Amaral (2012) realiza esforço importante no sentido de articular imperialismo, dependência e financeirização. Borges (2015) recupera o debate sobre financeirização já presente nos trabalhos de Sweezy e Magdoff, e anteriores, e o articula com as formas de mundialização do capital e o imperialismo estadunidense, que se dirige a assegurar um sistema financeiro monetário internacional totalmente permeável ao dólar, tanto quanto seu poder permitisse projetar. Antes de detalhar como o neoliberalismo reforça a financeirização mais além da liberalização e regulamentação, sintetizava-se:

Poderíamos conceber a financeirização, então, como a expansão e dominação do capital fictício impulsionado pela *imposição imperialista de um regime monetário internacional* baseado em uma moeda nacional meramente fiduciária, do hegemônio. A referida implantação ocorreria em um contexto de grande internacionalização do capital em geral, em parte porque a estratégia de construção do padrão dólar puro teria sido feita com base na abertura para todo capital, em geral, do acesso aos mercados e formas de valorização, *estratégia esta incorporada no receituário neoliberal* [...] Em termos mais concretos, mudaria as relações entre capitais industriais e bancários e o Estado, e entre estes e trabalhadores e rentistas [...]. (BORGES, 2015, p. 84, tradução e grifos nossos)

Assim, o entendimento sobre a fase atual do imperialismo foi atualizado em relação ao período de gestação das teses dependentistas, em que a caracterização principal poderia ser, como nos textos de Theotônio e Bambirra, cunhada de “integração mundial monopólica”. À medida que a taxa geral de lucro declina, maior conflitividade aparece na relação da potência imperial estadunidense com a América Latina: expansionismo militar e de capital estrangeiro, sufocamento econômico de Venezuela e Cuba, controle mais aprofundado em regiões estratégicas como México e Colômbia, e novo alento de golpes na região, com conexões mais ou menos evidentes de apoio imperialista, compõem o cenário atual para pensar a região latino-americana. O expansionismo chinês também deslinda novas contradições, mais acentuadas na África, mas crescentes em *Nuestra América*.

O imperialismo se articula do ponto de vista econômico com a propriedade direta dos meios de produção, exploração e superexploração, e do ponto de vista estatal-coercitivo na relação com os Estados dependentes, ponto a que retornaremos adiante, para remarcar alguns aspectos centrais.

### ***Capital fictício e financeirização dependentes***

Powell (2013) realiza um dos primeiros trabalhos de maior fôlego procurando refletir concretamente sobre financeirização em uma formação social semiperiférica. Robinson (2015), a partir de uma perspectiva expressamente oposta a análises em termos de imperialismo e dependência, reflete sobre a financeirização na América Latina e como as frações ligadas ao capital fictício e portador de juros transnacional ganham poder enorme na imposição de políticas econômicas na região.

Ainda que expressamente refletindo sobre a dependência contemporânea em termos mais teóricos e gerais, Amaral (2012) claramente parte de seu acúmulo sobre o Brasil; dessa forma, podemos interpretar também o texto com Bruna Raposo (FERRAZ RAPOSO; ALMEIDA FILHO; AMARAL, 2022, 2018). A ênfase desta última análise recai em caracterizar a financeirização como “nova espiral da dependência” e defender a sua incorporação nas reflexões sobre o padrão de reprodução do capital latino-americano contemporâneo. De maneira similar, mas partindo da historicização de Theotônio dos Santos sobre fases da dependência, Martins (2020, 2022) tentativamente denomina a fase contemporânea como de dependência técnico-científico-financeira.

Em trabalho coletivo com Camilla dos Santos e Aline Stocco (BORGES; STOCCO; DOS SANTOS, 2019), evidenciamos profundas assimetrias quanto à circulação de capital fictício na América Latina, comparando os países latino-americanos cuja informação detalhada foi possível obter (Argentina, Brasil, Chile, Colômbia e México) e um conjunto de 11 países imperialistas. A crise da dívida da década de 1980 aparece interpretativamente como momento decisivo inicial na subjugação da região à integração subordinada completada na década seguinte ao sistema monetário e financeiro impulsionado pela estratégia imperialista estadunidense. Isso em um contexto de fortes convulsões sociais, e com resultados nem estável ou nem tão pronunciados, salvo exceções parciais de Chile e Brasil, este último singular na região na magnitude do crescimento do capital fictício via dívida pública.

Por outro lado, ao integrar informações para uma aproximação particular à estrutura de classe, seus rendimentos e consumo em suas respectivas esferas, para o Brasil, destacamos (BORGES; CARRARO, 2021) como o fluxo de juros para classes e frações da esfera alta significou maior apropriação de valor via Estado do que cessão pela via impositiva: uma redistribuição regressiva com consequências fortes para a gestão estatal da força de trabalho (BORGES; STOCCO; CAMPOS, 2021), no contexto do padrão de reprodução do capital em crise no país.

Fatimah Musthaq (2021, p. 27) reflete, recentemente, nestes termos:

A teoria da dependência fornece uma perspectiva crítica sobre a qual construir uma teoria sobre financeirização em escala global. Como mostro neste artigo, a lógica da acumulação financeira é uma ponte útil para tecer *insights* críticos da teoria da dependência com a literatura de financeirização.

Temos, então, que a financeirização é incorporada na análise dependentista marxista em ao menos três dimensões. Por um lado, como desdobrar do capital fictício imperialista, em particular estadunidense, e em sua relação interestatal de subjugação ao sistema monetário-financeiro dólar-centrado. Em segundo lugar, como parte do ciclo do capital na economia dependente, a abordagem pode centrar-se nas formas principais como e em que grau se insere nos ciclos internacionais do capital fictício – seja via mercado acionário, dívida externa, dívida pública interna, como paraíso fiscal, parte do circuito do capital bancário portador de juros e etc. Além disso, internamente se desdobra como atuação estatal e privada em formas de exploração secundária: seja intermediando expropriação salarial (LUCE, 2018), seja como fonte de rendimento para classes e frações de classe burguesa. O dimensionamento real nessas dimensões permite

caminhar para concretizar padrões de reprodução subregionais e, eventualmente, nacionais, assim como vislumbrar conexões externas e internas às formações dependentes.

### ***Padrão de reprodução do capital***

Osorio é o intelectual que mais avançou na sistematização e desenvolvimento do conceito de padrão de reprodução do capital. O padrão de reprodução exportador de especialização produtiva (FERREIRA; OSORIO; LUCE, 2012 e OSORIO, 2016), esboça, em linhas gerais, o que o autor denomina um padrão de reprodução do capital regional.

Em outro trabalho, foi proposto associar a integração profundamente assimétrica aos circuitos do capital portador de juros e capital fictício da região a padrões de reprodução subregionais:

[...] mais acentuadamente nos países subimperialistas, mas também no grupo mais amplo do qual faz parte, identificado por Bambilra na América Latina como países do tipo A, as tendências de financeirização produziram nós financeiros intermediários entre os centros e a periferia. Uma "dependência financeirizada" se estabeleceria, com contradições singulares, dentro dessas economias. O que sugerimos é que haveria, no grupo em que predomina o "padrão de reprodução exportadora com especialização produtiva", um subgrupo em que a financeirização assumiria uma dinâmica específica e central. Dessa forma, alguns aspectos que Amaral (2012) identifica como característica fundamental das novas formas de manifestação da dependência se refeririam, antes, ao padrão de reprodução "modificado" desse subgrupo – no qual o Brasil, sem dúvida, estaria. (BORGES, 2018, p. 9)

Ainda que limitados por sua abordagem restrita a uma formação social, Brasil ou México (CROSSA, 2017; GUILLÉN, 2021), trabalhos recentes têm procurado fazer uma recuperação crítica da noção de esferas de consumo e de cadeias globais de valor-trabalho, articuladas ao conjunto da reprodução do capital (BORGES; BARCELLOS, 2021), a partir de informações da contabilidade social sobre rendimentos e gastos das famílias, reorganizadas em uma aproximação à estrutura de classes e frações de classe.

Adrián Sotelo Valencia (2012, 2017) traz reflexões interessantes sobre a reprodução do capital no subimperialismo brasileiro, o que constitui aporte para pensar padrões subregionais.

Propomos assimilar à ótica do padrão de reprodução do capital uma recuperação crítica e atualização da tipologia proposta por Vânia Bambilra. Para pensar em padrões de reprodução do capital subregionais, além dos elementos já expostos por Osorio, sugerimos: abordar a renda mineira e suas implicações na reprodução do capital das formações sociais fortemente vinculadas a ela (como Venezuela, Chile, Bolívia, Equador e Peru), incorporar as formas de "exportação de força de trabalho" (ROBINSON, 2015) que a emigração e as conseqüentes remessas representam com forte incidência em formações centro-americanas e caribenhas, e incluir como um vetor imbricado com as formas de subordinação estatal ao imperialismo, o grau e forma de integração aos circuitos financeiros, incorporar o ciclo do capital fictício como constatamos acima e, em complemento, outras rendas fundiárias ou de monopólio como as tecnológicas.

Em particular, o aprofundamento de uma interpretação ou teoria do Estado própria à TMD é uma das áreas mais importantes em que se acumulam avanços teóricos ainda por completar, ponto por que passamos a seguir.

***Estado e direito dependente – fascistização e golpes***

Osorio (2014, 2020), novamente, tem sido importante pensador para avançar na compreensão do Estado dependente contemporâneo. Articula a noção de subsoberania, com a geopolítica imperialista derivada de sua proximidade ao centro imperial, e procura retomar a noção de Estado de contrainsurgência proposto por Marini quando dos debates travados ao longo da década de 1970 em torno à natureza do Estado dependente. O livro mencionado, organizado por Arias e Granato (2021), reúne escritos instigantes (e outros não tanto, como o de Angelita Souza) sobre o Estado dependente.

Castelo (2013) analisa o capitalismo contemporâneo e o Brasil à luz do bloco histórico neoliberal e transformismo de lideranças populares, localizando o social-liberalismo e neodesenvolvimentismos como parte de uma resposta desse bloco histórico a crise conjuntural.

Maíra Bichir (2017) procura sistematizar os aportes ou reflexões sobre Estado na dependência por Dos Santos, Marini e Bambirra, e centra-se recentemente (2022) na interpretação de Theotonio sobre fascismo dependente, diante da ascensão de formas autoritárias com golpes na América Latina, em particular com o golpe sucedido pela eleição de Bolsonaro no Brasil.

Cantamutto (2022) faz uma leitura da trajetória argentina desde a década de 1980 a partir de uma leitura inspirada em Gramsci e Poulantzas, combinando alterações no bloco no poder e na organização do bloco dominado, fatores conjunturais para pensar o processo de construção de legitimidade e mecanismos restritos no tempo de morigeração da superexploração que caracterizaram o período kirchnerista, e, poderíamos sugerir, outras práticas dos governos progressistas/de coalizão que se desdobraram nos primeiros lustros do século XXI.

Felix (2021), Gabriela Caramuru (TELES, 2021) e Cherobin (2019) avançam na compreensão do Estado e do direito no capitalismo dependente, articulados aos fundamentos percebidos da dependência, em particular a superexploração.

A relação entre a política imperialista estadunidense e determinados Estados se faz evidente em múltiplos aspectos na região latino-americana: no caso do México e Colômbia, estratégicos, a subordinação militar-policial é acompanhada por forte presença de capital estrangeiro produtivo e ligações com circuitos internacionais do narcotráfico. No Chile, laboratório do neoliberalismo, dentro da estratégia de contrainsurgência preventiva, a desnacionalização do cobre, forte abertura do mercado de capitais veio associada com uma grande penetração de circuitos financeiros na forma de investimento de portfólio e capital de empréstimo, azeitados pela articulação de amarras ao endividamento público e facilidades para seu financiamento.

Após a invasão e ocupação do Haiti, assistimos à profusão de “golpes brancos” em Honduras, Paraguai, Brasil, somadas ao acosso imperialista mais frontal à Nicarágua, Venezuela e Cuba.

O ascenso mundial e regional de movimentos ou líderes proto-fascistas reacendeu a disjuntiva que colocara Theotônio, atualizada por Martins, de tendências a situações revolucionárias ou fascistas e maior polarização desdobrada em um esgotamento ao menos parcial das iniciativas de conciliação de classes da “onda rosa” na região.



### ***Gênero e raça no contexto da exploração e superexploração***

Cristiane Sabino (SABINO, 2020) avança na temática da superexploração e racismo na América Latina e oferece visão que articula relações de classe, raça e gênero.

Ao estudar a precarização do mercado de trabalho pós-golpe de 2016 (BORGES; STOCCO; CAMPOS, 2021), mostramos sinteticamente a dimensão racializada e de gênero de frações da classe trabalhadora – entregadores de aplicativo, domésticas, em particular – mas também no contexto geral, destacando novamente a articulação de classe, gênero e raça cristalizadas em exploração acentuada quando da sobreposição de condição dominada em várias dimensões.

Fagundes (2021) procura vincular racismo estrutural e superexploração do trabalho, incidindo sobre a formação racializada da superpopulação relativa na formação dependente, algo que pode ser interpretado tanto para negros como para povos originários na região latino-americana.

O diálogo com perspectivas decoloniais ou atreladas a formas de identitarismo podem inspirar, realizadas as devidas mediações, novas visões sobre o conjunto da classe trabalhadora e múltiplas formas de opressão a que está submetida.

### ***Rumo a embates ideológicos mais frontais***

Para além desses trabalhos, são notáveis também a crítica à estratégia democrático-popular (PRADO, 2019) e a crítica mais concreta dos “neodesenvolvimentismos de baixa tensão” desdobrados no Brasil, a partir de visões renovadas sobre as esferas de consumo e sobre a composição da estrutura de classes no país (BORGES; BARCELLOS, 2021; BORGES; CARRARO, 2021). A maturidade e potenciais da recuperação crítica da TMD fica expressa em textos como esses que, em termos diretos, passam a contestar a hegemonia de estratégias e táticas, rumo a propostas emancipadoras concretas para a luta socialista.

A articulação da análise da atuação imperialista, Estado dependente e objetivos de incidir no embate ideológico de forma mais ofensiva parece uma das áreas mais urgentes e importantes para contribuir no avanço do intelectual coletivo dependentista.

### ***Considerações finais – o difícil e necessário balanço para avançar com pertinência***

O breve e parcial panorama oferecido no presente ensaio cumpre o papel de mostrar a incidência e potencialidades em efetivação das lentes dependentistas marxistas na compreensão do momento atual e no embate teórico rumo a estratégias e táticas que possam disputar a hegemonia na classe trabalhadora. Para citar apenas um exemplo, Martins (2021) coloca, para além da necessidade de uma estratégia continental, uma estratégia global centrada inicialmente nos BRICS.

Como evidenciado, muitas iniciativas individuais sofrem de limitações de escopo; tentativas de maior fôlego muitas vezes têm esbarrado na dispersão dos esforços. Não raro, podemos encontrar análises sobre o mesmo tema que não aparentam ciência mútua apesar da facilidade do acesso *online*.

O aprofundamento de redes internacionais teórico-militantes, então, parece um passo importante. As iniciativas da Sociedade Brasileira de Economia Política (SEP) e Pensamento Crítico da América Latina merecem destaque a esse respeito. Inaugurou a Escola de formação “Reinaldo Carcanholo Nuestra América XXI” e promoveu minicurso que aglutinou pensadores da Colômbia, Argentina, México, Bolívia, Venezuela, Cuba e Brasil em uma leitura fundamentalmente dependentista marxista da história latino-americana. Também fundou um grupo de trabalho, em formação sobre Teoria Marxista da Dependência. Terminamos conclamando a fortalecer essa e outras iniciativas para alcançar novos saltos qualitativos teóricos e de articulação pela superação da dependência capitalista.

### **Referências:**

- AMARAL, M. S. **Teorias do imperialismo e da dependência: a atualização necessária ante a financeirização do capitalismo.** 2012. Tese (Doutorado em Economia), Departamento de Economia, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2012.
- ARIAS, Juan Camilo; GRANATO, Leonardo (org.). **La cuestión del estado en el pensamiento social crítico latinoamericano.** Medellín: Fondo editorial de la Universidad Autónoma Latinoamericana–UNAULA, 2021.
- BAMBIRRA, V. **O capitalismo dependente latino-americano.** Florianópolis: Insular, 2013.
- BEIGEL, F. Vida, muerte y resurrección de las “teorías de la dependencia”. In: LEVY, B.; ENRÍQUEZ, C. R.; SCHORR, M.; BEIGEL, F.; NAHÓN, C.; FALERO, A.; SALGADO, J.G.G.; KOHAN, N.; VÁSQUEZ, L. L.; MARTINS, C.E. **Crítica y teoría en el pensamiento social latinoamericano.** Buenos Aires: CLACSO, 2006. p. 287-326.
- BICHIR, M. M. **A questão do Estado na Teoria Marxista da Dependência.** 2017. Tese (Doutorado em Ciência Política), Programa de Pós-Graduação em Ciência Política, Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2017.
- BOND, P. BRICS and the tendency to sub-imperialism. **Pambazuka News [Online]**, n. 673, p. 1–14, 2014.
- BOND, Patrick; GARCIA, Ana (org.). **BRICS: an anti-capitalist critique.** London: Pluto Press, 2015.
- BORGES, R.; BARCELLOS, T. E depois como farsa: crítica aos desenvolvimentismos sob a perspectiva das esferas de consumo no Brasil. In: V Encontro Internacional Teoria do Valor Trabalho e Ciências Sociais. **Anais[...]**. Brasília: UnB, 2021.
- BORGES, R. E. S. **Financiarización, Cadenas Globales de Valor e Inversión Extranjera en la producción de etanol en Brasil a partir de la liberalización de la agroindustria. Una interpretación marxista del periodo de 1990 a 2010.** 2015. Tese (Doutorado em Economia), Departamento de Economía y Desarrollo, Facultad de Ciencias Económicas Empresariales, Universidad Complutense de Madrid, Madrid, 2015. Disponível em: <<https://eprints.ucm.es/id/eprint/40710/>>.
- BORGES, R. E. S. Padrão de reprodução do capital: potenciais e contribuições à categoria. In: II Seminário Estado, Trabalho, Educação e Desenvolvimento: “200 anos de Karl Marx e pensamento latino-americano”. **Anais[...]**. Niterói: UFF, 2018. Disponível em: <http://gpeted.sites.uff.br/?ddownload=539>.
- BORGES, R. E. S. Superexploração no século XXI. In: XXV Encontro Nacional de Economia Política. **Anais[...]**. Salvador: UFBA, 2020. Disponível em: [https://www.sep.org.br/enep\\_teste/uploads/708\\_1583713365\\_2020\\_-\\_superexp\\_-\\_identificado\\_pdf\\_ide.pdf](https://www.sep.org.br/enep_teste/uploads/708_1583713365_2020_-_superexp_-_identificado_pdf_ide.pdf).
- BORGES, R. E. S.; CARRARO, G. Produção, reprodução e política social no Brasil: para uma visão articulada e concreta. In: V Seminário Internacional de Políticas Públicas, Intersetorialidade e Família. **Anais[...]**. Porto Alegre: PUC-RS, 2021.

- BORGES, R. E. S.; FRANKLIN, R. S. P. Transferências de valor e troca desigual no Brasil de 1995 a 2009. In: XXV Encontro Nacional de Economia Política. **Anais[...]**. Salvador: UFBA, 2020. Disponível em: [https://www.sep.org.br/enep\\_teste/uploads/1316\\_1583720809\\_2020\\_Troca\\_desigual\\_-\\_identificado\\_pdf\\_ide.pdf](https://www.sep.org.br/enep_teste/uploads/1316_1583720809_2020_Troca_desigual_-_identificado_pdf_ide.pdf).
- BORGES, R. E. S.; STOCCO, A. F.; CAMPOS, N. L. Crisis y pandemia por COVID-19: gestión estatal de la fuerza de trabajo y precariedad laboral en Brasil. In: ROFFINELLI, G; LÓPEZ BOLAÑOS, A. (orgs.). Crisis capitalista mundial en tiempos de pandemia. Buenos Aires: CLACSO, 2021.
- BORGES, R. E. S.; STOCCO, A. F.; DOS SANTOS, C. N. Da economia política do capital fictício: notas sobre seu movimento na América Latina e Brasil. **Anais do Encontro Internacional e Nacional de Política Social**, v. 1, n. 1, 25 jun. 2019. Disponível em: <https://periodicos.ufes.br/einps/article/view/25221>.
- BREDA, D. M. A transferência de valor no capitalismo dependente contemporâneo: o caso do Brasil entre 2000 e 2015. Tese (Doutorado em Economia), Programa de Pós-graduação em Economia, Instituto de Economia, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2020.
- CAPUTO, O.; PIZARRO, R. **Imperialismo, dependencia y relaciones económicas internacionales**. Santiago de Chile: CESO, 1974.
- CASTELO, Rodrigo. O novo desenvolvimentismo e a decadência ideológica do pensamento econômico brasileiro. **Serviço Social & Sociedade**, São Paulo, n. 112, p. 613–636, 2012.
- CASTELO, Rodrigo. **O social liberalismo: auge e crise da supremacia burguesa na era neoliberal**. São Paulo: Expressão Popular, 2013.
- CHEROBIN, R. C. **Estado e direito no capitalismo dependente**. Tese de Doutorado. Florianópolis: UFSC, 2019.
- CROSSA, M. Cadenas globales de valor en la industria del automóvil: la ilusión desarrollante o el desarrollo del subdesarrollo en México. **Cuadernos de economía crítica**, v. 6, n. 1976, 2017.
- DOS SANTOS, T. **Socialismo ou fascismo: o novo caráter da dependência e o dilema latino-americano**. Florianópolis: Insular, 2020.
- FAGUNDES, Gustavo. Relações raciais no Brasil e a superexploração da força de trabalho: apontamentos e um breve diálogo. **Cadernos Cemarx**, v. 14, p. 1-20, 2021. Disponível em: <https://econtents.bc.unicamp.br/inpec/index.php/cemarx/article/view/15146>.
- FELIX, G. (ed.). **Dependência, Estado e superexploração do trabalho no século XXI**. Foz do Iguaçu: El Tiple, 2021.
- FERREIRA, C.; OSORIO, J.; LUCE, M (org.). **Padrão de reprodução do capital**. São Paulo: Boitempo Editorial, 2012.
- FRANKLIN, R. S. P. **Teoria da Dependência: categorias para uma análise do mercado mundial**. Tese de Doutorado. Vitória: UFES, 2015
- FRANKLIN, R. S. P. O que é superexploração? **Economia e Sociedade**, v. 28, n. 3, p. 689–715, dez. 2019.
- FRANKLIN, R. S. P. *et al.* Skilled Labour and the Reduction Problem: Questioning the Exploitation Rate Equalization Hypothesis. **World Review of Political Economy**, v. (no prelo), 2022.
- GUILLÉN, A. **El régimen de acumulación en México: caracterización, tendencias y propuestas para su transformación**. México: UNAM, 2021.
- HIGGINBOTTOM, A. Third form of extraction of surplus value. In: Sixth Annual Historical Materialism Conference. **Anais[...]**. 2009. Disponível em: <https://eprints.kingston.ac.uk/23277/>.
- INET, Institute for New Economic Thinking. **YSI Working Group: Economic Development**. Young Scholars Initiative. Disponível em: <https://ysi.ineteconomics.org/>. Acesso em: 19 abr. 2019.
- KATZ, C. J. **La teoría de la dependencia: cincuenta años después**. Buenos Aires: Monte Avila Editores Latinoamericana, 2019.

- KUFAKURINANI, U.; KVANGRAVEN, I. H.; KUFAKURINANI, U.; SANTANA, F. (org.). **Dialogues on Development, volume I: dependency**. New York: Institute for New Economic Thinking, 2017.
- LUCE, M. S. **Teoria marxista da dependência: problemas e categorias – uma visão histórica**. São Paulo: Expressão Popular, 2018.
- MADARIAGA, A.; PALESTINI, S. (orgs.). **Dependent capitalisms in contemporary Latin America and Europe**. Cham: Palgrave-McMillan, 2021.
- MARINI, R. M. *et al.* **Diez años de insurrección en América Latina**. Prensa Latinoamericana, 1971.
- MARINI, R. M. Sobre el patrón de reproducción de capital en Chile. **Cuadernos CIDAMO**, n. 7, p. 1–31, 1982.
- MARINI, R. M. **Reformismo e a contrarrevolução. Estudos sobre o Chile**. Tradução Diógenes Moura Breda. São Paulo: Expressão Popular, 2019.
- MARTINS, C. E. **Dependency, neoliberalism and globalization in Latin America**. Londres: BRILL, 2020.
- MARTINS, C. E. The longue durée of the marxist theory of dependency and the twenty-first century. **Latin American Perspectives**, v. 49, n. 1, p. 18–35, 2022. DOI: <https://doi.org/10.1177/0094582X211052029>.
- MUSTHAQ, F. Dependency in a financialised global economy. **Review of African Political Economy**, v. 48, n. 167, p. 15–31, 2 jan. 2021.
- ORITSEJAFOR, E.; COOPER, A. (org.). **Africa and the global system of capital accumulation**. New York: Routledge, 2021.
- OSORIO, J. El marxismo latinoamericano y la dependencia. **Cuadernos Políticos**, v. 38, n. enero-marzo, 1984.
- OSORIO, J. **O Estado no centro da mundialização: a sociedade civil e o tema do poder**. São Paulo: Outras Expressões, 2014.
- OSORIO, J. América Latina frente al espejo del desarrollo de Corea del Sur y China. **Problemas del Desarrollo**, v. 46, n. 182, p. 143–164, 2015.
- OSORIO, J. **Teoría marxista de la dependencia**. Historia, fundamentos, debates y contribuciones. Los Polvorines: Ediciones UNGS, 2016.
- OSORIO, J. Sobre Superexploração e capitalismo dependente. **Caderno CRH**, v. 31, p. 483–500, 2018. Disponível em: <<http://www.scielo.br/j/ccrh/a/k4bFtvb59dcscp75pkNZRxn/?lang=pt>>.
- OSORIO, J. WEBER, M.H. (trad.) ; GRANATO, L.(trad.). O Estado de contrainsegurança com coro eleitoral na América Latina (Tradução do Artigo: “El Estado de contrainseguridad con coro electoral en América Latina”, de Jaime Osorio, Viento Sur, 2018) [recurso eletrônico]. Porto Alegre, RS: ODELA/UFRGS, 07 set. 2020. Disponível em: <<https://www.ufrgs.br/odela/2020/09/07/o-estado-de-contrainseguranca-com-coro-eleitoral-na-america-latina/>>.
- POWELL, J. **Subordinate financialisation: a study of Mexico and its non-financial corporations**. Londres: University of London, 2013.
- PRADO, F. C. Otras razones del neodesarrollismo (o porqué se desconoció a la teoría marxista de la dependencia). **Argumentos - estudios críticos de la Sociedad**, v. 26, n. 72, p. 99–126, 2013.
- PRADO, F. C. Ideologia do desenvolvimento, teoria marxista da dependência e crítica da estratégia democrático-popular. In: IASI, M.; FIGUEIREDO, I.M.; NEVES, V. (org.). **A estratégia democrático-popular: um inventário crítico**. Marília: Lutas Anticapital, 2019.
- RAPOSO, B. F. **Padrão de reprodução do capital no capitalismo dependente e financeirizado**. Dissertação de mestrado. Uberlândia: Universidade Federal de Uberlândia, 2018.

RAPOSO, B.F.; ALMEIDA FILHO, N.; AMARAL, M.S. The Pattern of Capital Reproduction in Dependent and Financialized Capitalism. **Latin American Perspectives**, v. 49, n. 1, p. 166–181, 2022. DOI: <https://doi.org/10.1177/0094582X211061878> .

ROBINSON, W. I. **América Latina y el capitalismo global: una perspectiva crítica de la globalización**. Buenos Aires: Siglo XXI, 2015.

SABINO, C. **Racismo e luta de classes na América Latina: as veias abertas do capitalismo dependente**. São Paulo: Hucitec, 2020.

SHAIKH, A. M. **Capitalism: competition, conflict, crises**. New York: Oxford University Press, 2016.

SMITH, J. **Imperialism in the Twenty-First Century: globalization, super-Exploitation, and capitalism's final crisis**. New York: Monthly Review Press, 2016.

SOTELO VALENCIA, A. **Los rumbos del trabajo. Superexplotación y precariedad social en el siglo XXI**. México: UNAM-Miguel Ángel Porrúa, 2012.

SOTELO VALENCIA, A. **Sub-Imperialism Revisited: dependency theory in the thought of Ruy Mauro Marini**. Boston: Brill, 2017.

TELES, G. C. **Relação jurídica dependente e o programa de transição**. Tese (Doutorado em Direito). Faculdade de Direito, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2021.

---

### **Notas**

<sup>1</sup> Doutor em Economia Internacional e Desenvolvimento (Universidad Complutense de Madrid). Pesquisador do Grupo de Estudos e Pesquisas para o Trabalho (GEPT-UnB). Currículo Lattes: <http://lattes.cnpq.br/1316863676101106>. Orcid: <http://orcid.org/0000-0003-2076-1424>. E-mail: [rodrigo@borges.net.br](mailto:rodrigo@borges.net.br).

Recebido em: 11 de abr. 2022

Aprovado em: 20 de abr. 2022